



Início de uma Olimpíada Acadêmica no Estádio Mark Clark.

# O ESPORTE

## NA ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS

Ten Cel Armando Alkimin Dias — Sub-Cmt da EsEFE

"Chamada para a primeira prova: 110m com barreiras". Os concorrentes alinham-se na partida. Começava assim o Campeonato Sul-Americano de Atletismo de 1941. As arquibancadas do estádio em Buenos Aires estavam literalmente lotadas. Os prognósticos eram de fácil vitória de um argentino.

É dada a largada e eis que um brasileiro toma a ponta e rompe a fita de chegada em 1º lugar. Naquele momento o Cadete MÁRIO MÁRCIO CUNHA tornou-se novo campeão sul-americano da prova. O recorde sul-

americano dos 110m com barreiras — 14 segundos e oito décimos — pertencia ao então Tenente SÍLVIO MAGALHÃES PADILHA (atual presidente do Comitê Olímpico Brasileiro). A exemplo de PADILHA e MÁRIO MÁRCIO, vários outros militares do nosso Exército também elevaram o nome do Brasil em pistas e campos estrangeiros, em diferentes modalidades de esportes, ainda cadetes da Escola Militar do Realengo. Alguns deles hoje são Oficiais-Generais e devem relembrar com saudades aqueles tempos em que iam vencendo os obstáculos da carreira

militar, da mesma maneira que os venciam nas pugnias esportivas. ANTONIO PEREIRA LIRA, CELSO MEIER, JOSÉ ALBERTO PITTA, OSWALDO DOMINGUES, etc, são nomes famosos, até hoje lembrados, pois marcaram época como Cadetes.

Em 1938, HENRIQUE LAGE — Homem que pela amizade e os grandes benefícios dedicados à Escola Militar, tornou-se o seu Cadete nº1 estabeleceu o prêmio de uma taça de prata com o seu nome para ser disputada entre as Escolas Naval e Militar em



Equipe carioca de esgrima campeã brasileira em 1953. Ao centro o então cap. Virgílio Damazio.

diversas modalidades de esporte (naquele tempo a Aeronáutica fazia parte da Escola Militar). Seria detentora definitiva da taça a Escola que vencesse por três anos consecutivos ou obtivesse o maior número de vitórias durante cinco anos. Quem viveu aquela época do Rio de Janeiro lembra-se daqueles espetáculos de vibração, de beleza de esporte praticado no mais elevado padrão técnico e no mais puro amadorismo. Torcia-se por aqueles atletas que disputavam por amor exclusivo às suas Escolas, assistidos por um público civil sempre numeroso e que apreciava a pujança do Cadete brasileiro.

Das disputas da Taça Lage saíram nomes legendários de Cadetes atletas que estabeleceram recordes ainda não superados pelas novas gerações, mesmo com as modernas técnicas de treinamento e os recursos materiais mais sofisticados.

A Taça Lage era disputada nas seguintes modalidades de esporte:

- Vólibol
- Basquetebol
- Polo-Aquático
- Atletismo.

Os jogos realizavam-se nos clubes do Rio de Janeiro, e a eles afluía grande assistência. Durante as provas, eram apreciados, além das disputas nas pistas e campos, os duelos das torcidas organizadas pelos Cadetes.

A Escola Naval sempre vencia no pólo-aquático; a Escola Militar no atletismo. No vólibol e no basquetebol não havia uma supremacia regular seja de uma ou de outra Escola. Algumas vezes aconteciam as grandes "zebras"



Jorge Bitencourt consagrado atleta militar integrou por diversas vezes a seleção brasileira de vólibol.

que são lembradas até hoje pelos que assistiram aos jogos ou deles participaram.

Tornou-se inesquecível, por exemplo, a performance da Escola Militar no pólo-aquático quando venceu pela primeira vez a Escola Naval por 3x2, perante o maior público que esse esporte teve no Brasil até aquela data. Por coincidência, o jogo foi a decisão da disputa da Taça Lage em 1941 e, com sua vitória, a Escola Militar ficou de posse definitiva do referido troféu. Foram integrantes daquele time, que se tornou famoso na história do esporte militar por muito tempo, os seguintes Cadetes: VICENTE GALATRO, ERIC TINOCO, VIRGILIO DAMAZIO, EDUARDO LEAL DE MEDEIROS, AIR CHAGAS TELES, EDWARD TEIVE e SINVAL PINHEIRO. Alguns deles

ocupariam mais tarde altos cargos no exército e no esporte nacional.

Com a transferência da Escola Militar do Realengo para Resende acabaram-se os torneios da Taça Lage. Nos primeiros anos de vida da escola em sua nova cidade, não havia condições para grandes promoções desportivas. O Estádio Mark Clark estava em construção, bem como o nosso conjunto de piscinas, inaugurado em 1948. Somente a partir dessa data foram mais incrementados os jogos de vólibol e basquetebol com clubes do Rio de Janeiro, Minas e São Paulo. Nossos Cadetes atletas não abandonavam, entretanto, o gosto pelas grandes competições. Aqueles que tinham aptidões tornavam-se integrantes de clubes civis. Na escola participavam das competições defendendo as cores das suas armas; também participavam de competições externas, contra outras entidades. Assim, muitos excelentes atletas foram surgindo e, a exemplo do passado, projetaram-se também nas quadras, pistas e piscinas nacionais e estrangeiras; convivem conosco, ocultos em suas modéstias, mas representam símbolos atuantes da grandeza do esporte nas Escolas Militares: HAROLDO PEREIRA DA SILVA, MÁRIO VILÁ PITALUGA, ARMANDO FETTER, MÁRIO CEZAR SILVEIRA, BRENO VIGNOLE, para citar apenas alguns exemplos.

Em 1952 a CDFA organizou a primeira Olimpíada entre as três escolas militares, com o objetivo especial de tornar maior o conagraçamento entre elas. Era idéia inclusive, o que foi feito algumas vezes, organizar essas Olimpíadas no interior das Escolas.

Os jogos seriam realizados, em princípio, anualmente, como parte das comemorações da Semana da Pátria. Começam então a ser revividos aqueles tempos da Taça Lage, com a mesma vibração das torcidas pelos seus novos ídolos Cadetes. A realização das competições foi tomando tal vulto de publicidade que até, no ano de 1955, as emissoras de rádio e televisão, com o apoio do jornal "O Globo", resolveram dar grande cobertura aos jogos. Assim, todas as partidas eram irradiadas e televisionadas pelos melhores repórteres esportivos da época, tais como JULIO DELAMARE e ODUVALDO COZZI.

As três escolas possuíam atletas de projeção internacional, o que proporcionava elevado índice técnico às provas.



Arthur Telles Cramer Ribeiro foi campeão Pan-Americano de espada em Winnipeg 1967

Nossa antiga Escola Militar do Realengo transformada em Academia Militar das Agulhas Negras continuava assim as suas tradições de grande celeiro do esporte amador em nossa Pátria. Nessas olimpíadas sagraram-se os nomes de JAMIL GEDEÃO, MARIO GONZALES, SÉRGIO BARCELOS, JORGE BITENCOURT, ARTHUR TELLES CRAMER RIBEIRO, MARCOS ANTONIO PINA BARBOSA cadetes que, entre outros, souberam cobrir de glórias o esporte nacional da mesma forma que os seus antepassados do Realengo.

A fim de selecionar melhor seus atletas, a seção de educação física da AMAN reuniu as suas mais importantes competições internas, que eram as disputas da Taça Duque de Caxias e Gen. Sampaio, em uma só Olimpíada. Assim surgiu em 1952 a I OLIMPIADA ACADÊMICA. Além disso, foram organizadas memoráveis competições anuais com as grandes universidades civis. Entre essas celebrizaram-se as da FUPE X AMAN e da MAC X AMAN. Este foi talvez o maior intercâmbio através do esporte já havido entre os Cadetes da AMAN e estudantes universitários.

Posteriormente a CDFA resolveu denominar NAVAMAER as Olimpíadas entre as três escolas militares e assim elas vem sendo chamadas até nossos dias. Nem todos os anos tem sido possível a realização da NAVAMAER. Ela teve várias interrupções causadas por fatores diversos. A EN e a AFA levavam a desvantagem de possuírem um menor efetivo de cadetes; em com-

penção, localizadas no Rio, seus atletas tinham mais facilidade em competir com as entidades civis, o que torna o treinamento mais eficiente. Essas duas Escolas também contavam com um número muito maior de técnicos, que eram selecionados entre os melhores existentes nos clubes da metrópole.

Por ocasião da organização de cada NAVAMAER surgiam questões quanto à escolha das provas, à contagem de pontos, ao número de concorrentes por prova, aos juizes a serem escolhidos, aos locais dos jogos, à ordem das provas, às datas etc, questões estas que eram levantadas e discutidas arduamente pelos representantes de cada Escola. No entanto, prevalecia sempre o espírito cívico que predomina nas três Escolas. Quando o calor das competições tornava quase incontroláveis seus disputantes, bastava que uma banda tocasse o Hino Nacional para que, em posição de sentido, todos esquecessem seus adversários. Tornava-se evidente que aqueles atletas estavam imbuídos, antes de tudo das suas condições de soldados disciplinados, cujos destinos dependiam muito da união entre eles. Esse destino para muitos haveria de ser glorioso, como o foi para MÁRIO MÁRCIO, que teve o seu nome anunciado pela derradeira vez para o mesmo público esportivo que o admirava, durante o intervalo de um FLA X FLU.

Coube ao Fluminense, clube que o teve sempre como defensor, anunciar a sua incapacidade definitiva para a prática do esporte.

Assim é que, na noite de 31-06-45, foi lida ao microfone do estádio de Álvaro Chaves a seguinte proclamação:

"A diretoria do Fluminense deseja prevalecer-se da circunstância de estarem os sócios reunidos em verdadeira assembléia, nestas arquibancadas, para, em comunhão fraterna com os mesmos, prestar homenagem ao culto de um dos mais bravos oficiais do nosso Exército, herói da F E B, Ten MÁRIO MÁRCIO CUNHA.

MÁRIO MÁRCIO, o incomparável atleta militar, campeão brasileiro e sul-americano de atletismo, ferido por estilhaço de granada, na frente da Itália, salvou-se com vida, mas não pode mais participar de competições de esporte. Os Estados Unidos o recebem, neste momento, para que a ciência do grande povo amigo se ponha a serviço de recompor a saúde do nosso querido patricio. MÁRIO MÁRCIO há de voltar com brevidade ao convívio dos seus consócios e amigos do Fluminense. E, embora ausente das lutas de atletismo, porque para elas se incapacitou em luta pelo Brasil, um orgulho grande e impar lhe está reservado. O Ten MÁRIO MÁRCIO quando foi, era uma glória do esporte nacional, pedaço do Brasil. O Ten MÁRIO MÁRCIO, quando voltar, como esportista e como militar será uma glória do Brasil inteiro".